



23º Domingo depois de Pentecostes (23.10.05) Próprio 25

1ª leitura - Êxodo 22:21-27

O trecho que vai de 20:22 a 23:33 é considerado o Livro da Aliança ou do Pacto. Especialmente em 21:1 a 23:19 apresenta-se o perfil de Deus, que se interessa na transformação das pessoas e da sociedade, à sua própria imagem.

No trecho designado para hoje Deus é o defensor dos que, na sociedade da época, perderam seus protetores, tais como viúvas e órfãos. "Se de algum modo os afligirdes e eles clamarem a mim, eu lhes ouvirei o clamor" (v.23) é ressonância de Ex 2:23-25; 3:7-8. Esse memorial da ação misericordiosa de Deus é explícito em relação aos migrantes indefesos (forasteiros ou peregrinos) do verso anterior. É um lembrete para que o memorial seja celebrado tendo em vista os mais fracos e indefesos, tal como os próprios israelitas viveram anteriormente, no Egito. É claro que, em diferentes contextos, surgem diferentes desprotegidos, vítimas e carentes. Por isso, sempre a concepção de Deus e de seu povo devem ser renovados e atualizados, tendo em vista a compaixão para com os sofredores.

Aqui temos as implicações da leitura do texto em apreço no contexto da adoração. O texto nos sugere refletir sobre o Deus a quem adoramos e quem somos. (*Dom Sumio Takatsu*)

2ª leitura - I Tessalonicenses 2.1-8

O trecho selecionado está em continuidade com o recorte do domingo passado e trata de um retrospecto da missão em Tessalônica. Seu propósito é refutar as acusações feitas contra Paulo. Quem eram os oponentes? Embora o meio ambiente da Igreja em missão fosse gentílico, as comunidades formadas pelo trabalho de Paulo estavam sempre associadas com as sinagogas. Por isso, nas Igrejas fundadas pelo apóstolo havia gente de origem judaica e de outras origens atraídas ao judaísmo. Daí procedem os muitos conflitos por causa das exigências das leis de pureza (não comer determinada comida, etc) e da associação estreita da religião com a nação e raça.

Quais eram acusações contra Paulo? Num ambiente religioso onde havia muitos charlatães, tudo indica que o apóstolo também fosse acusado de bajulador, demagogo ou aproveitador (v.6-8), alguém que manipulava os sentimentos do povo para proveito próprio. Em poucas palavras, alguém que falava o que o povo quer ouvir e se apresentava como excelente comunicador com o uso de elogios, mensagem no ego dos ouvintes e discurso orientado para assegurar o seu espaço no "mercado" de sobrevivência.

Essas acusações são refutadas pelo apóstolo a partir da própria prática da convivência com eles. A autorização para chegar até eles veio de Deus. O Evangelho foi compartilhado. Nisso ele repartiu sua vida com eles. Bem que ele poderia depender deles como apóstolo, mas não quis ser-lhes pesado. Logo adiante diz ele que trabalhou a ponto de ficar cansado.



O apostolado exercido diante da resistência e hostilidade diversas com ousada confiança ou coragem tem, certamente, seu recurso e sua fonte Naquele que, pela Cruz e Ressurreição, gerou e gera a confiança ou fé operosa, o amor que se exaure em favor do Evangelho e de outrem, e da esperança da plenitude da obra divina da salvação para todos, inclusive de toda a criação.

No Êxodo e na epístola encontramos certa semelhança. Ela pode ser expressa pela libertação para considerar uns aos outros como participantes da vida com Deus. O apóstolo compartilhou o Evangelho que faz a vida ser vida e digna de ser vivida. Não fez das palavras instrumentos de domínio sobre os outros. Não fez das pessoas mero instrumento para sua auto-satisfação ou para buscar elogios. Também não fez das palavras um jogo de entretenimento para seus ouvintes. Parafraseando um hino, podemos dizer que as palavras foram feitas para ser ponte onde o amor (o Evangelho) vai e vem, porque nelas a vida estava comprometida como doação e a Palavra se fez comunhão. Assim, a autoridade apostólica expressou-se em comunicar e compartilhar a autoria da libertação para a comunhão de vida. (*Dom Sumio Takatsu*)

Evangelho: Mateus 22:34-46

Novamente os fariseus, mestres em teologia judaica, tentam colocar Jesus em situação de contradição perante a lei. Era costume nas casas de oração judaica recitar o credo do Antigo Testamento ("Shemá - Ouve, ó Israel, o nosso Deus é o único Deus, amarás, pois, o Senhor Deus..." Dt 6.4aa) todas as manhãs. Algumas escolas rabínicas também distinguiam entre mandamentos de maior e de menor importância. É exatamente essa a pergunta dirigida a Jesus. Ele, porém, em sua resposta une dois mandamentos, o primeiro e o segundo, dando ao segundo um novo status, intimamente ligado ao primeiro. Assim fazendo mostra que o segundo mandamento expressa na vida prática as implicações do primeiro. O ensinamento então é de que se a vida cristã limitar-se apenas a sentimentos religiosos, doutrinas corretas ou orações, sem implicações concretas, isso de nada vale. O Deus invisível se torna visível no amor ao próximo. Aqui Jesus é apresentado como o supremo intérprete da Lei. Para Jesus, a chave da interpretação da Lei e dos Profetas é o amor a Deus e ao próximo e este é bastante inclusivo no sentido de que o amor se estende aos inimigos e indesejáveis.

v. 41 – Agora é Jesus quem interpela os fariseus perguntando-lhes sobre o Messias (Cristo) Os fariseus respondem que o Messias deveria ser descendente de Davi. Com a citação do salmo 110:1 Jesus mostra que Davi não se referiu ao Messias como meu filho, mas como Senhor. A isso eles não puderam replicar. Mateus estaria dizendo que o Senhor da Igreja tem a resposta, ou indicando os perigos do labirinto da teologia feita sob maus pressupostos.

A descendência davídica do Messias não era problema para a Igreja de Mateus. Só que essa descendência não serve para entender quem é o Messias. Em outras palavras, não é pelo retorno ao império de Davi, nem pela expansão da carreira de Davi, mas pelo caminho da cruz do Messias, idéia impensável aos oponentes. A implicação disso acompanha a Igreja no sentido de que a reflexão sobre o Cristo,



sobre o poder criador da comunhão, convivência e relacionamento fraterno pode ser seduzida pelo poder de alcançar objetivos como uma grande organização, passando por cima da reflexão sobre o poder transformador da vítima, do fraco, exposto na Cruz e ressurreição.

Neste contexto, é importante considerarmos Jesus Cristo sob a perspectiva de João: a Palavra de Deus que assumiu a carne e sua contingência. Nele e por Ele Deus nos amou e continua a nos amar.

Ouvimos tantas e tantas palavras que entretém o nosso ego, confirmando apenas o que desejamos sem nos desafiar, sem nos dar uma direção libertadora, sem a visão de um mundo transformado. Também ouvimos palavras que nos dizem: "fiquem onde estão, conformem-se", cerceando a liberdade e iniciativa. É preciso encontrar em Cristo a Palavra transformadora, que é amor libertador e criador, que liga criativamente imaginação e ação. (*Rev. Carlos Calvani e Dom Sumio Takatsu*)